

consciência Bancária

EDIÇÃO DIÁRIA - ANO XXVI - 6354 - TERÇA-FEIRA, 21 DE MAIO DE 2019



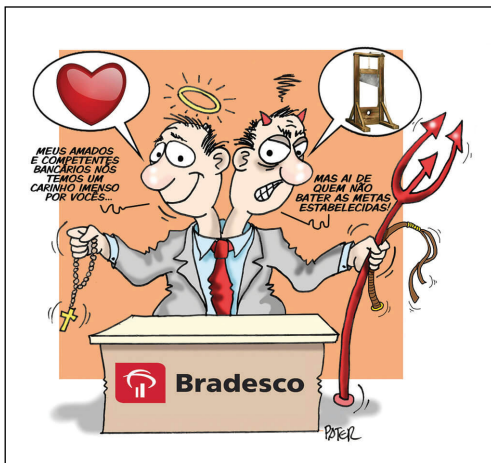
BRDESCO: CONEXÃO COM O ASSÉDIO

O Bradesco lançou um programa “Conexão” onde relaciona diversos indicadores (crédito pessoal, consignado, seguros, consórcio, etc), com o objetivo das metas serem cumpridas em interseção por todas as unidades.

A cobrança pelo cumprimento dos objetivos tem sido rigorosa, cáustica, humilhante, beirando a ameaça: ou bate, no mínimo, 15 dos 37 indicadores do programa, ou a candidatura à perda do perfil gerencial está aberta.

Esse é o procedimento que a direção do banco está impingindo às gerências regionais que repassam aos gerentes das agências e, por sua vez, replicam aos subordinados. Tal atitude tem levado o ambiente de trabalho a um clima infernal, constrangedor e estressante.

Não é com intimidação que se conquista o trabalhador ao empenho e entusiasmo ao desempenho das tarefas e sim com respei-



to, fraternidade, espírito de equipe e remuneração digna pelo resultado da produção.

Alertamos para que os gerentes não levem às suas equipes o terror, nem assumam em nome da direção do Bradesco o papel de algozes.

Bancários exigem consideração e hombridade. Afinal, são os responsáveis pela obtenção dos bilionários lucros do Bradesco (“apenas” 19 bilhões em 2018).

AO INVÉS DE CONTRATAR, CAIXA ABRE NOVO PDV

A Caixa tem mais de 84 milhões de correntistas e poupadores e cerca de 84 mil empregados. Um bancário é responsável por 1.000 clientes. Gente a perder de vista. Mas, ao invés de ampliar efetivamente o quadro de pessoal para dar conta da demanda, a empresa faz o contrário com a abertura de mais um PDV.

O presidente da instituição, Pedro Guimarães, tem dito que em junho deve convocar aprovados no concurso público. Serão cerca de 2,5 mil. Mas, o número não supre nem os cortes previstos no Programa de Desligamento Voluntário iniciado ontem (20/05), 3,5 mil no total.

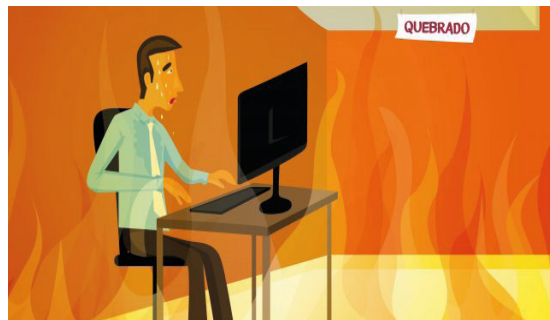
Tem mais, se a estimativa da direção do banco se confirmar, serão menos 20,5 mil bancários na rede de atendimento do principal banco público do país em cinco anos. A redução começou em 2015. Mas foi a partir de 2016, com o golpe que tirou



da presidência Dilma Rousseff para impor ao país uma agenda neoliberal, que a ofensiva ganhou força.

De lá para cá, a direção da empresa abriu vários PDVs. Em apenas um ano, em 2017, quase 10 mil empregados foram desligados. O resultado é sentido pela população. A Caixa conta com 4 mil unidades de atendimento no país e há locais com apenas um funcionário, ou seja, os transtornos são muitos. Desta forma, o governo desgasta a imagem do único banco 100% público, responsável por importantes programas de inclusão social.(SBBA)

CALOR INSUPOORTÁVEL NO BRADESCO 239



As condições de trabalho para funcionários e clientes do Bradesco 239 estão insuportáveis. Há mais de 15 dias o ar-condicionado da agência está quebrado e o primeiro andar, reservado ao atendimento de clientes e usuários de serviços bancários, está péssimo.

Segundo consta, o serviço de manutenção informou que estão aguardando uma peça da máquina quebrada, mas até agora nada. O prazo de 15 dias para o conserto já findou e todos estão sofrendo com o calor excessivo.

Foi solicitado apoio à Gerência Regional, mas até agora não foi resolvido!

O Sindicato está atento ao problema e se não houver uma solução rápida para melhorar as condições de trabalho, vai organizar uma mobilização, podendo, inclusive, paralisar as atividades da unidade.

Bancários e clientes exigem respeito!

CINISMO - Dizer que o sistema o impede de governar para o povo depois de ser eleito com o apoio do sistema financeiro, da burocracia estatal, dos militares, da mídia, das bancadas da bala, da bíblia, do agronegócio, do agrotóxico e das milícias é subestimar a inteligência nacional. Bolsonaro acha que o povo é idiota. Ou será ele o próprio imbecil? Das duas, uma. Talvez as duas. Mais provável.(SBBA)

PLANTONISTAS DE HOJE

Manhã: CID

Tarde: ETINGER

SISTEMA DE CAPITALIZAÇÃO LEVA CHILENOS A APOSENTADORIAS MISERÁVEIS

Nesta entrevista, o porta-voz do movimento No+AFP (Não mais Administradoras de Fundos de Pensão), Luis Mesina, denuncia como o sistema de capitalização da Seguridade Social implantado “em meados dos anos 1980, sob a tirania de Augusto Pinochet”, “condena 97% dos chilenos a aposentadorias miseráveis”, “sendo a expressão trágica de um sistema que nega direitos, lançando idosos a cenários desesperadores”.

*Por Felipe Bianchi (Barão de Itararé) e Leonardo Severo (Hora do Povo), de Santiago

Desmontando a propaganda neoliberal, o dirigente das massivas manifestações populares em defesa da Previdência pública alertou os brasileiros dos impactos negativos da privatização e defendeu que “é preciso desmontar o argumento de Paulo Guedes de que a reforma enxugará os gastos públicos”. “É mentira, pois é o governo chileno quem paga pelo menos sete entre dez aposentadorias. A capitalização, portanto, aumenta o gasto público, enquanto reduz consideravelmente os benefícios, com o cidadão recebendo menos de 30% do seu último salário”.

Considerando o informe da Organização Internacional do Trabalho (OIT), “um elemento imprescindível para a batalha de ideias contra a reforma da Previdência no Brasil”, Mesina lembrou que, “categórico e contundente”, “o estudo compila ideias que não convêm e nem interessam ao governo de Bolsonaro”, fazendo com que seja praticamente invisibilizado pela grande mídia.

O fato, assinala, é que até mesmo “países com governos de direita, como Romênia, Polônia e Hungria, desprivatizaram o sistema de capitalização da Previdência e voltaram ao sistema público”. “A capitalização leva a uma desigualdade brutal e a uma alta concentração da riqueza, pois os grandes grupos econômicos – fundamentalmente estrangeiros – usam nossa poupança, nossa humanidade e nossas vidas para financiarem seus projetos espúrios”. “Eu deixo uma pergunta para reflexão: se o grosso do dinheiro está nas mãos de AFP estrangeiras e de companhias de seguros que são donas das AFP, o que acontece se essas empresas estadunidenses quebram? A Lehman Brothers não quebrou? A Enron não quebrou?”. “É preciso desprivatizar”, sublinhou.

No Brasil, estamos vivendo uma batalha campal neste momento contra o projeto do governo de reforma da Previdência, em que o ministro Paulo Guedes, um dos fundadores do banco BTG Pactual, coloca o modelo chileno como uma maravilha. O que dizer desta declaração?

O que tem ocorrido nos últimos 20 anos é que os sucessivos governos investiram muito dinheiro em difundir fora do país o modelo chileno. A tal ponto que, em muitas partes, consideram nosso país como um exemplo, como um modelo de desenvolvimento. Mas escondem cifras tremendamente abismais: temos os indicadores de distribuição de renda mais desiguais da região. A participação dos salários dos trabalhadores em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) é uma das menores da região, temos uma das maiores jornadas de trabalho do mundo, 45 horas semanais. Isso fez com que no Chile fosse se conformando uma espécie de divisão social muito forte, em que 1% dos chilenos concentra quase 36% da renda.

Segundo a Revista Forbes do ano passado, temos 12 multimilionários. A Argentina não tem nenhum, a Colômbia não tem nenhum e o Brasil tem dois. Como se explica isso, sendo o Chile com um país de 18 milhões de habitantes, diante de uma Argentina com 44 milhões, de uma Colômbia com 49 milhões de habitantes e de um Brasil tem 210 milhões? O PIB brasileiro é quase oito vezes o chileno. O que explica que o Chile tenha tantos multimilionários em relação a esses países? É muito simples: Porque esse sistema que se instalou conseguiu capturar uma parte expressiva dos salários dos trabalhadores, suas poupanças, e desenvolvido o mercado de capitais no Chile. O mercado de capitais é força de trabalho acumulada, é subtração de humanidade, de vida humana. É a expressão monetária da vida que as pessoas deixam na relação que estabelecem com o capital. É o trabalho que gera a riqueza. São os homens e mulheres trabalhadores que geram a riqueza, nada diferente disso.

Há uma superexploração pelas grandes corporações.

É evidente. E preocupa ao governo se o Itaú é hoje o quarto ou quinto maior banco do Chile? O fato é que as grandes corporações financeiras nacionais e internacionais vêm ao Chile para serem financiadas com a nossa humanidade. O Itaú quando vem fazer um negócio, o que faz? Emite ações no mercado. Quem as compra? As Administradoras de Fundos de Pensão (AFP). E o que ocorre em troca? Levam nossa vida, nossa humanidade. Este é o problema de fundo. Hoje em dia, e isso é muito importante que saibam os brasileiros, do total da nossa poupança mais de 40% está fora do país, são mais de US\$ 87 bilhões de dólares investidos nos Estados Unidos. Como se faz este investimento, com quais instituições? Por meio das AFP. Temos três AFP norte-americanas. Qual é a dona da maior companhia seguradora do Chile? A MetLife, a maior companhia seguradora do planeta. Tomam nossa economia, levam para os Estados Unidos, compram ações da Bolsa e tratam de buscar rentabilidade, que está cada vez mais baixa.

Mas quem compra esse dinheiro, esse capital? Empresas imobiliárias que vão ao mercado de capitais, emitem ações e tomam de novo nosso capital. O que fazem? Expandem seus investimentos. O faturamento dos estados do Norte, Michigan, Illinois, por que estes dois estados? Porque aí ganhou Donald Trump. Prometendo o quê? Emprego a cidades como Detroit, que estão na bancarrota por conta da quebra da indústria automobilística. E como Trump foi prometer empregos, se antes de assumir baixou o imposto? Ao baixar o imposto entraram menos recursos para o Estado e viu reduzido o orçamento para fazer obras públicas. E como construir se precisa de recursos?

Como as empresas pagaram menos impostos, se revalorizaram na Bolsa – isso é tudo nominal – fazendo com que os especuladores saíssem do Chile e fossem para lá investir mais nestas companhias norte-americanas. Ou seja, transferimos mais capital de países emergentes como o Chile para países imperialistas como os Estados Unidos. E o que fazem por lá com nossos recursos? Investem em rodovias, pontes, não estão investindo em veículos automotrizados, porque esta é uma questão de concorrência, de custos, porque os japoneses e, sobretudo, os coreanos têm custos de produção muito mais baratos, sendo mais eficientes que os norte-americanos, a tal ponto que muitas companhias europeias estarem se fundindo com empresas japonesas e coreanas de automóvel.

*Confira entrevista completa no site do Sindicato: www.bancariositabuna.com - Fonte: Portal Vermelho